



ESCOLA SEM PARTIDO COMO INSTRUMENTO DE FALSA FORMAÇÃO

Nivaldo Alexandre de Freitas*

Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT

nivafreitas@gmail.com

RESUMO: Este artigo objetiva discutir o papel que o movimento Escola Sem Partido pode ter na formação humana caso o projeto de lei que o torna efetivo seja aprovado no Congresso Nacional. O argumento que se defende é que o Escola Sem Partido é mais um instrumento da falsa formação, pois ele limita a liberdade e a consciência, já que a formação de sujeitos autônomos pressupõe experiência do pensamento mediante o contato afetivo com o diferente, o que é vetado pelo projeto em questão. Procura-se mostrar que a prática docente colocada em suspeição é algo antigo que traz consigo a regressão da formação humana, articulado às novas demandas econômicas. Termina-se apontando que o projeto encoraja uma proposta conservadora de formação meramente técnica, para a adaptação a um mundo do trabalho já em declínio e, por isso, contribui para a falsa formação. O artigo se fundamenta nos autores da Teoria Crítica.

PALAVRAS-CHAVE: Autonomia – Falsa formação – Teoria Crítica – Escola Sem Partido.

NON-PARTY SCHOOL AS INSTRUMENT OF FALSE FORMATION

ABSTRACT: This article aims to debate the role that the movement named Non-Party School (Escola Sem Partido) might have on the human formation in case the bill is approved in the National Congress. The main claim is that the Non-Party School is another instrument of false formation, since it limits freedom and consciousness, since the formation of autonomous individuals requires thought experiment through emotional contact with the different, which is vetoed by the project in question. Seeks to show that the teaching practice put on suspicion is something old that causes the regression of human formation, articulated the new economic demands. Finally, it points out that the project encourages a conservative proposal for merely technical training, to adapt to a world of work already in decline and therefore contributes to the false formation. This analysis draws on critical theory.

KEYWORDS: Autonomy – False formation – Critical Theory – Non-Party School .

* Doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Professor adjunto no Curso de Psicologia e no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Rondonópolis.

INTRODUÇÃO

O movimento Escola Sem Partido supostamente preza pela liberdade de aprender e pela liberdade de consciência, segundo o que consta em seus anteprojetos de lei federal, estadual e municipal, disponíveis em sua página na internet.^{1,2,3} Porém, as propostas desse movimento em seu conjunto, que necessariamente se articulam a outras recentes iniciativas igualmente controversas para a educação em seu sentido formativo, põem em xeque as possibilidades de uma escola que promova autonomia e liberdade para seus alunos.

Entre essas recentes propostas estão, por exemplo, além do Escola Sem Partido, a reforma do ensino médio⁴ e a Base Nacional Comum Curricular.⁵ A primeira significa o aprofundamento de uma formação meramente técnica, dando menos valor às humanidades; a segunda ataca a autonomia das escolas em formular seus projetos pedagógicos, considerando suas demandas próprias, e abre caminho para a apostilagem da educação, o que beneficiará os empresários do setor, mas não o estudante. Junta-se, ainda, a tudo isso o congelamento do aumento dos investimentos em educação por vinte anos (conforme prevê a emenda constitucional nº 95/2016)⁶, com escusas econômicas, atribuídas à crise. Em um país que carece tanto de recursos para realizar o mínimo necessário, com professores entre os mais mal pagos do mundo⁷, essa proposta prejudica diretamente a educação.

¹ ESCOLA SEM PARTIDO. **Anteprojeto de lei federal**. Disponível em: <<http://www.programaescolasempartido.org/pl-federal/>>. Acesso em: 27 maio 2017a.

² ESCOLA SEM PARTIDO. **Anteprojeto de lei estadual e minuta de justificativa**. Disponível em: <<http://www.programaescolasempartido.org/anteprojeto-estadual/>>. Acesso em: 27 maio 2017b.

³ ESCOLA SEM PARTIDO. **Anteprojeto de lei municipal e minuta de justificativa**. Disponível em: <<http://www.programaescolasempartido.org/municipal/>>. Acesso em: 27 maio 2017c.

⁴ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Novo Ensino Médio**: dúvidas. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=40361>>. Acesso em: 27 maio 2017.

⁵ MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília, abr. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf>. Acesso em: 27 maio 2017.

⁶ SENADO FEDERAL. Secretaria de Informação Legislativa. **Emenda constitucional nº 95**: altera o Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o Novo Regime Fiscal, e dá outras providências. Disponível em: <<http://legis.senado.leg.br/legislacao/ListaTextoSigen.action?norma=540698&id=14374770&idBinario=15655553&mime=application/rtf>>. Acesso em: 27 maio 2017.

⁷ GUIMARÃES, L. Professor no Brasil ganha menos da metade da média dos países da OCDE. **Valor Econômico**, Brasil, 15 set. 2016. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/brasil/4710579/professor-no-brasil-ganha-menos-da-metade-da-media-dos-paises-da-ocde>>. Acesso em: 30 maio 2017.

Certamente são as mesmas forças sociais conservadoras que propõem essas medidas e projetos. Para elas, tudo que favorece a permanência inalterada da realidade é bem-vindo, pois é esse seu objetivo e o que as une. Isso é confirmado pelo fato de que os proponentes de todos esses projetos muito superficialmente ou de maneira nenhuma estão ligados ao campo da Educação e menos ainda estão comprometidos com a ideia de formação humana que promova emancipação. São alheios à área da Educação ou são tecnocratas defensores de ideias vagas e mal refletidas, como doutrinação ou neutralidade — esta última já superada há um século no campo das ciências sérias⁸. Tais tendências que se apresentam no horizonte da educação brasileira parecem aprofundar o distanciamento entre educação e liberdade de consciência.

Este artigo procura discutir o papel que uma dessas propostas, a do movimento Escola Sem Partido, pode ter na formação humana caso se concretize por meio da aprovação do seu projeto de lei no Congresso Nacional, órgão cuja composição atual talvez seja uma das mais conservadoras e até mesmo reacionárias de sua história.

O argumento que se defende aqui é que o Escola Sem Partido é um instrumento da falsa formação, já que pela força da lei um professor pode ser incriminado caso se associe sua prática docente a algum tipo de doutrinação — termo ainda não definido pelos proponentes desse projeto. Procura-se mostrar que colocar a prática docente em suspeição não é algo novo, mas algo que se encontra nas tendências do projeto histórico desta civilização; esse modo de enxergar a prática docente está alinhado a uma visão de formação como algo puramente técnico, voltado apenas para a manipulação das coisas na esfera do trabalho, o que não é suficiente para a transformação da cultura, compreendida como feito humano.

Expõe-se, ainda, que esse projeto limita a liberdade, restringindo as consciências, já que a formação de sujeitos autônomos pressupõe uma efetiva experiência de pensamento, que se dá mediante contato com o diferente; sendo esse contato impedido, como propõe o Escola Sem Partido, acabam se fortalecendo os tutores da minoridade. Suas diretrizes encorajam uma proposta conservadora de formação meramente técnica para a adaptação a um mundo do trabalho já em declínio e, por isso, o projeto contribui para a falsa formação.

⁸ Como discute, por exemplo, JAPIASSU, H. **O mito da neutralidade científica**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

CERCO À LIBERDADE

A ideia de falsa formação é de Theodor Adorno; em texto de 1959, descreveu a tendência de crise da formação cultural, que leva o indivíduo a alienar-se de si mesmo e de seu mundo⁹. Para Adorno, refletir criticamente sobre a falsa formação é a única maneira de manter viva a cultura. A falsa formação é a formação pela metade, que não chega a constituir o sujeito autônomo. O entendido e o experimentado pela metade, diz o autor, é falsamente entendido e falsamente experimentado, e “não constitui o grau elementar da formação, e sim seu inimigo mortal.”¹⁰ Segundo a reflexão de Adorno, a experiência da compreensão do mundo não é algo que seja possível em um nível cognitivo depurado de elementos afetivos. Influenciado que foi pelo pensamento de Freud, entende que o contato com a cultura necessita ser profundo para que haja a constituição do eu. A falsa formação consiste, pelo contrário, em um contato superficial, o que impede uma real experiência: “Nada retém o espírito, então, para um contato corporal com as ideias.”¹¹

O Escola Sem Partido pretende que na escola haja um contato não apaixonado com qualquer tema; que todos os assuntos sejam apresentados pelo professor de maneira indiferente. Ao estudar o período da Ditadura Militar no Brasil, nenhuma tomada de posição em relação à barbárie teria espaço, mas apenas a apreciação de todas as versões desse fato histórico, incluindo as favoráveis a ele. Porém, quando se trata de uma mera apresentação de versões sobre algo, sem aprofundamento ou envolvimento afetivo com nenhuma delas, a possibilidade de que nada fique marcado no sujeito é muito maior. Também se reduz a possibilidade de discordar da interpretação do professor e habituar-se ao debate respeitoso sobre ideias com o outro.

Ora, se uma criança e um jovem são capazes de entrar em confronto com as ideias e crenças dos próprios pais, por que não seriam capazes de discordar do professor e procurar suas próprias interpretações acerca dos elementos apresentados por ele, se houvesse defesa de pontos de vista na sala de aula? Claro que para isso é preciso que a própria escola estimule o debate e que seja claro para todos que os alunos podem contestar as opiniões do professor, em um debate baseado no respeito, como deve ser

⁹ ADORNO, T. W. Teoria da semicultura. **Educação & Sociedade**, v. 17, n. 56, p. 388-411, dez. 1996.

¹⁰ Ibid., p. 402.

¹¹ Ibid., p. 397.

em toda relação humana. Cabe a todos os agentes envolvidos com a escola a luta para que essa instituição seja efetivamente democrática. O que está em jogo na verdade é que o Escola Sem Partido pressupõe um aluno que vai a escola para não ter nenhum tipo de experiência formadora; para que a escola seja apenas um prolongamento da família, que há tempos se tornou incapaz de dialogar, e que aprenda um conteúdo técnico suficiente para ler o manual de instruções que o mundo do trabalho, em ruína¹², sequer vai lhe cobrar.

Em um texto de 1914, Freud diz que os professores passam a ser os pais substitutos.¹³ Na relação transferencial, o aluno passa a se relacionar com os professores a partir das mesmas ambivalências da relação parental. Com isso, os professores ocupam o lugar de ideal de eu e, como tal, ajudam a disciplinar as pulsões, inclusive as agressivas, porque, devido à ambivalência de sentimentos, não atraem apenas o amor de seus alunos, mas também seu ódio. O texto de Freud é um depoimento sobre sua própria vida escolar, escrito em comemoração ao aniversário do colégio em que estudou:



[...] para muitos de nós o caminho do saber passava inevitavelmente pelas pessoas dos professores. [...] Nós os cortejávamos ou nos distanciávamos deles, neles imaginávamos simpatias ou antipatias provavelmente inexistentes, estudávamos seus caracteres e com base neles formávamos ou deformávamos os nossos. Eles suscitavam as nossas mais íntimas revoltas e nos compeliavam à mais completa submissão. Nós espreitávamos suas pequenas fraquezas e tínhamos orgulho de seus grandes méritos, de seu saber e senso de justiça. No fundo os amávamos bastante, quando nos davam um motivo qualquer para isso. Não sei se todos os nossos professores se deram conta disso. Mas não se pode negar que nossa atitude para com eles era bem peculiar, de um modo que talvez lhes fosse inconveniente. Em princípio nos inclinávamos tanto ao amor como ao ódio, tanto à crítica como à veneração diante deles. A psicanálise chama de “ambivalência” essa predisposição para atitudes contraditórias; e não tem dificuldade em apontar a fonte de tal ambivalência emocional.¹⁴

Freud diz em seguida que a fonte dessa ambivalência são os primeiros modelos afetivos: os pais e os irmãos. Um dos maiores pensadores do século XX, cuja teoria extremamente original marcou decisivamente seu tempo, admite que seus professores “compeliavam à mais completa submissão”, bem como suscitavam “a mais íntima

¹² O mundo do trabalho em decadência será analisado mais adiante.

¹³ FREUD, S. Sobre a psicologia do colegial. In: _____. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. (Obras completas, 11).

¹⁴ Ibid., p. 420.

revolta”. Para o autor, a ambivalência de sentimentos é necessária para construir a dinâmica afetiva do sujeito, para que ele possa aprender a dominar e manifestar seus afetos e viver em sociedade. Se os pais e educadores não propiciarem isso, eles que poderiam ser modelos fortes na vida do sujeito, quem o fará? A resposta a isso permite questionar a própria atualidade da descrição freudiana. A possibilidade de o próprio pai se constituir como um modelo forte para seu filho atualmente não estaria obsoleta?

Herbert Marcuse, em 1963, já respondia afirmativamente a essa pergunta ao apontar a impossibilidade de a família fazer frente ao domínio dos monopólios econômicos, políticos e culturais, no que se refere à constituição dos valores morais. Segundo o autor:

[...] ainda no nível pré-escolar, as turmas, o rádio e a televisão fixam os padrões para a conformidade e a rebelião; os desvios do padrão são punidos não tanto no seio da família, mas fora e contra a família. Os especialistas dos meios de comunicação com a massa transmitem os valores requeridos; oferecem o treino perfeito em eficiência, dureza, personalidade, sonho e romance. Com essa educação a família deixou de estar em condições de competir.¹⁵

Os sujeitos são formados muito mais pela mídia de massa do que pelos pais e educadores, que não têm meios para competir com as “celebridades” daquela. Atualmente, o professor, antes de poder se constituir como modelo para seus alunos, é figura perseguida por vários grupos sociais, como o próprio movimento Escola Sem Partido. Isso contribui para o rebaixamento dos modelos identificatórios.

O ódio ao professor é um sentimento presente na cultura. Tal elemento dificulta a experiência identificatória do estudante na escola, uma vez que o professor passa a ser desvalorizado socialmente, impossibilitado de ser tomado como modelo¹⁶. Em *Tabus acerca do magistério*, Adorno aponta o desvalor social do professor, ou ao menos uma forte ambivalência em relação a ele. Ora se tem desprezo por aquele que ainda detém algum saber em meio ao caos cultural, ora se tem uma adoração mágica que acaba por tornar sua figura mitológica, desviando de seus fins.¹⁷ Isso, porém, na

¹⁵ MARCUSE, H. **Eros e civilização**. 8. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. p. 97.

¹⁶ Uma análise de textos e imagens baseados na ideologia do Escola Sem Partido que suscitam o ódio aos professores pode ser encontrada em PENNA, F. O ódio aos professores. In: AÇÃO EDUCATIVA ASSESSORIA, PESQUISA E INFORMAÇÃO (Org.) **A ideologia do movimento Escola Sem Partido: 20 autores desmontam o discurso**. São Paulo: Ação Educativa, 2016. p. 93-100.

¹⁷ ADORNO, T. W. *Tabus acerca do magistério*. In: _____. **Educação e emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 103.

Alemanha do século XX. Hoje, no Brasil, que investe pouco em educação¹⁸ e não valoriza devidamente seus professores, é pequeno o número de universitários em cursos de licenciatura que desejam ser professores.¹⁹

O professor sério, no sentido de que evoca seus alunos à atividade do pensamento crítico, não consegue facilmente seduzi-los — portanto, sua capacidade de obter êxito nessa doutrinação tão temida pelo Escola Sem Partido é provavelmente bastante superestimada. O amor deles se dirige para os ídolos da indústria cultural, sistematicamente construídos para serem atraentes, mesmo que efêmeros e pobres.²⁰ Ao professor é destinada grande parte do ódio de seus estudantes, canalizado dessa forma pela cultura, que cada dia mais se converte em um conjunto de bens de consumo e em técnica de ajustamento. As novas tecnologias muitas vezes contribuem para o isolamento do sujeito, diminuindo ainda mais as possibilidades de processos identificatórios. O sujeito se isola e se enfraquece tendencialmente.

Quem, em um breve futuro, poderá se recordar de seus professores como Freud o faz no fragmento destacado anteriormente?



LÍDERES E TUTORES

www.revistafenix.pro.br

Se pais e educadores não conseguem ser modelos fortes para a constituição dos sujeitos, abre-se espaço para os líderes que querem ocupar essa posição vacante. Para tais líderes, a escola que pretenda fomentar o pensamento crítico deve ser combatida. Não é acaso o fato de o senador Magno Malta, proponente do Escola Sem Partido no Senado, ser um pastor. Prevenido, ele apoia seus congêneres ensejando uma falsa formação, capaz de pavimentar o caminho que conduz a seus templos. A pobreza de experiências formativas perfaz os sujeitos entregues ao discurso dos líderes, já que suas vidas carecem de sentido, que não é encontrado nessa sociedade irracional. A

¹⁸ VANINI, E.; FERREIRA, P.; MARIZ, R. Investimento do Brasil por aluno está entre os piores, segundo OCDE. **O Globo**, Sociedade, 24 nov. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/investimento-do-brasil-por-aluno-esta-entre-os-piores-segundo-ocde-18122981>>. Acesso em: 30 maio 2017.

¹⁹ QUEM quer ser professor? **O Estado de S.Paulo**, Opinião, 8 maio 2013. Disponível em: <<http://opinio.estado.com.br/noticias/geral/quem-quer-ser-professor-imp-1029571>>. Acesso em: 15 maio 2017. Um debate fundamentado acerca da desvalorização da atividade docente encontra-se em: WEBER, S. **O professorado e o papel da educação na sociedade**. Campinas, SP: Papirus, 1996.

²⁰ HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas. In: _____. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

dificuldade da vida material em um sistema econômico que passou a ser sinônimo de crise leva a uma noção rebaixada de ascese, que a falsa formação apenas alimenta²¹. Dos discursos vulgares de líderes religiosos midiáticos ao horóscopo e às publicações de autoajuda, proliferam-se lenitivos à dureza da vida que são completados pela indústria farmacêutica e pelo tráfico de drogas.

Doutrinação é um termo usado também na esfera religiosa. Líderes religiosos intentam transmitir sua doutrina, seu conjunto de regras, preceitos e crenças, para alguém, com o objetivo de iniciá-lo em certa religião. Sabe-se que atualmente no Brasil há muito interesse econômico em torno da captação de adeptos para seitas religiosas cuja doutrina é pequena e simples, mas com interesses lucrativos grandes e abrangentes. Não se pode deixar de fazer juízo de valor acerca de algumas empresas da fé, que patrocinam políticos, não pagam impostos por suas atividades e degradam a vida de milhões de pessoas. Muitas famílias inteiras, vítimas do projeto histórico de degradação da escola pública, produtora de fracasso escolar,²² caem presas de líderes religiosos que decifraram a fórmula do líder de massa do fascismo e assumem, fora da família, o lugar do pai que perdeu sua condição de modelo. Como financiam parte do Congresso e detêm grande poder econômico, nenhum político ousa questionar a legitimidade dessas instituições. Se tivessem interesse em lutar pela liberdade de consciência, a comercialização da fé teria a atenção desses legisladores e advogados. Ao invés disso, perseguem professores, justamente aqueles que poderiam representar algum risco ao conservadorismo predatório.

Tal situação é a prova de que a educação brasileira tendencialmente não promove cidadãos de esquerda revolucionários, contrários ao sistema econômico, dominado por alguns grupos poderosos. É o oposto disso que promove. Todavia, a mentira dessa sociedade é tão manifesta, dizem Horkheimer e Adorno, que não está longe de ser compreendida pelo sujeito com pouca ou nenhuma formação: “os homens adaptam-se a essa mentira mas, ao mesmo tempo, enxergam através do seu manto.”²³

²¹ Uma análise de aspectos mais profundos da relação entre religiosidade e condição de classe, indo muito além da pouca instrução (explicação incompleta para o crescimento das religiões neopentecostais), é encontrada em ROCHA, E.; TORRES, R. O crente e o delinquente. In: SOUZA, J.; et al. **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

²² Cf. PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4. ed. revista e aumentada. São Paulo: Intermeios, 2015.

²³ HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo: Cultrix; Editora da Universidade de São Paulo, 1973. p. 203.

Isso mostra como se tornou difícil na sociedade do capitalismo administrado se pensar em emancipação, embora essa possibilidade nunca estivesse tão próxima da consciência. O ataque do Escola Sem Partido aos professores contém também um ataque de ordem econômica, já que a escola tornada meramente técnica, “neutra”, interessa aos poderosos para que a divisão social permaneça inalterada.

Quando os grandes conglomerados midiáticos eram capazes de exercer maior domínio da consciência das massas, ditando a percepção do mundo, a escola não era alvo de preocupação, pois era incapaz de competir com a autoridade do padrão da indústria cultural. Mas com o advento de novas tecnologias de comunicação, surgiram meios de circulação de informação e de interpretação sobre o mundo, como as redes sociais e as mídias alternativas, que, apesar de muitas vezes serem pobres de reflexão ou serem ramos da indústria cultural, apresentam ao menos alguma contradição. Essa nova possibilidade pode potencializar discussões na escola capazes de gerar inconformismo, o que a moral conservadora não pode tolerar.

O mundo do trabalho em declínio também aponta para o fato de que estudar o conteúdo tradicional da formação escolar já não faz sentido. A desatenção dos alunos é prova disso e ela impõe ao professor a necessidade de trazer a realidade para a sala de aula, deixando conteúdos técnicos muitas vezes em segundo plano. Trazer à tona situações de barbárie e sofrimento decorrentes do rumo tomado pela cultura é apenas discutir emancipação, mas isso é tomado como resultado de algum tipo de doutrinação.

POBREZA DE EXPERIÊNCIA E TRANSMISSÃO DA CULTURA

Ao contrário do que pensam os defensores do Escola Sem Partido, a ideia de neutralidade ideológica e política na sala de aula não incentiva a liberdade de consciência, mas sim a esvazia. Sem a defesa apaixonada de temas e de posições políticas — contra as quais os alunos têm capacidade de se colocar, como já foi discutido, uma vez que a escola se coloque como espaço democrático — todos os temas se tornam equivalentes, todas as versões se parecem iguais, como se todas tivessem a mesma relação com a realidade. Quando se observa o conjunto das diretrizes vê-se que não é a pluralidade de ideias que se deseja, mas apenas a apresentação das ideias ou fatos que não colidem com os valores da família tradicional. Perde-se toda a energia afetiva das ideias e se regride em relação à modernização dos valores. Essa

modernização é fundamental, já que muitos valores tradicionais estão ligados às diversas formas de opressão social.

É certo que há também valores tradicionais que devem ser conservados, mas o que está em jogo é justamente a possibilidade de transmissão da cultura, que há tempos está em risco de perder-se. No meio familiar, com o domínio da indústria cultural, o diálogo capaz de transmitir a cultura está em decadência. Na escola, âmbito que poderia se fazer como resistência ao empobrecimento do diálogo, também é atacado com medidas repressivas como o Escola Sem Partido.

Em um texto de 1933, Walter Benjamin já apontava o empobrecimento da capacidade de viver experiências que, como uma das consequências, levaria ao esquecimento, à não transmissão da cultura:

Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativas de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência?²⁴

Se a cultura não é transmitida às futuras gerações, ela não pode ser recebida e preservada. Se o professor faz uma analogia entre Che Guevara e São Francisco de Assis, analogia que ofende tanto aos defensores do Escola Sem Partido, mais tarde os estudantes que receberam essa ideia entusiasmada poderão procurar pela sua justeza, pois haverá maior chance de ela não ser esquecida. Assim não seria se Che Guevara fosse apresentado como mais um em uma longa lista de figuras históricas a ser memorizada para algum exame escolar. O interesse por entender a analogia pode levar o estudante a encontrar argumentos contrários a ela, ou a admitir que ela faz sentido em alguns pontos, mas o mais importante é que seus termos ficaram marcados na memória e terão alguma chance de serem evocados, negados em parte ou no todo, provocar outras perguntas e analogias a partir da realidade, enfim, pensar, o que para Adorno é uma experiência:

²⁴ BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114.

Em geral este conceito [racionalidade] é apreendido de um modo excessivamente estreito, como capacidade formal de pensar. Mas esta constitui uma limitação da inteligência, um caso especial da inteligência, de que certamente há necessidade. Mas aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo — a relação entre as formas e estruturas de pensamento do sujeito e aquilo que este não é. Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação.²⁵

A suposta neutralidade do Escola Sem Partido e a imposição de não se contrapor aos valores familiares levam apenas ao sempre idêntico, à mesmice, àquela capacidade formal de pensar, que é uma limitação da inteligência, como diz Adorno. No âmbito da educação para a emancipação, o sujeito apenas é realmente capaz de pensar se estiver em contato com aquilo que ele não é — ou seja, com o outro. Disso não resulta necessariamente o abalo de todas as tradições, mas sim a reflexão sobre a adequação delas em relação à realidade e sobre a adequação da própria realidade, que deve sofrer transformações para aproximar-se cada vez mais do objetivo de acolher a todos com justiça.

O lema principal do Escola Sem Partido é que “o professor não é educador.”²⁶ Ele seria alguém que apenas transmite conteúdos que não fazem questionar a visão de mundo e a ética do sujeito. Transmitem informações que não se articulam às demais representações da realidade que o sujeito adquiriu nas outras esferas da sua vida, inclusive por meio da indústria cultural, especializada em transmitir visões de mundo. No sentido em que Adorno descreve a experiência do pensar indo além da lógica formal, o professor “bancário”²⁷ do Escola Sem Partido não contribui para a experiência do pensamento. O mesmo se poderia pensar com base em Benjamin²⁸, para quem a

²⁵ ADORNO, T. W. Educação: para quê? In: _____. **Educação e emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p.151.

²⁶ PROFESSOR não é educador – parte vídeo 5. Palestra de Armino Moreira. 1 dispositivo eletrônico com internet (1 min), son., color. Produção de Escola Sem Partido. Curitiba, 1 maio 2013. Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/educacao-moral/415-professor-nao-e-educador>>. Acesso em: 30 maio 2017.

²⁷ Referência à concepção “bancária” da educação expressa em FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

²⁸ BENJAMIN, W. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

informação é efêmera; o jornal diário, por exemplo, é inútil ao fim do dia; isolada, a informação não se articula à vida do sujeito. Somente em uma experiência formativa o sujeito poderia exercer o pensamento e com isso se transformar. O professor passa a ser, em muitos casos, agente da única oportunidade de formação do sujeito. Ele, como educador, é condição fundamental para a transmissão da cultura e para sua transformação no propósito de um mundo justo.

Um dos elementos mais problemáticos das diretrizes do Escola Sem Partido é o “dever do professor” segundo o qual não é permitido na sala de aula tudo aquilo que pode estar em conflito com as convicções religiosas ou morais dos pais ou responsáveis pelo estudante²⁹. Além da dificuldade de execução, por se tratar de uma série de “convicções” distintas uma da outra, o fato grave é que se trata da velha sobreposição do privado sobre o público, algo que Sergio Buarque de Holanda já denunciava em 1936 como um vício existente nas raízes do Brasil.³⁰ Países mais democráticos têm obtido mais sucesso em não misturar tais esferas. A frágil democracia brasileira, porém, sempre foi marcada pelo fio tênue a separar os interesses privados da coisa pública. O homem cordial, que não aceita distanciamentos, segue fazendo história. A corrupção que abocanha as verbas públicas é apenas uma das consequências da falta de limites do privado. Quando essa distinção não afeta o sujeito, ele a respeita, mas quando ela põe em risco seus interesses, ele a burla, um movimento que Antonio Candido nominou “dialética da malandragem.”³¹ Porém, é notório que quem mais se beneficia desse funcionamento é a classe social mais rica. A escola tem sofrido e patinado em sua função social devido também a essa indistinção. Há menos de um século teorias racistas presentes inclusive no âmbito da psicologia dominavam a esfera pública — porque se presentificavam nas formulações de leis e nas teorias educacionais — e invadiam o âmbito privado sem a menor ponderação, rotulando crianças e desrespeitando culturas que não se alinhavam à cultura dominante.³²

²⁹ Dever do professor número 5, em ESCOLA SEM PARTIDO. **Por uma lei contra o abuso da liberdade de ensinar**. Disponível em: <<http://www.programaescolasempartido.org/>>. Acesso em: 27 maio 2017.

³⁰ HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

³¹ CANDIDO, A. Dialética da malandragem. In: _____. **O discurso e a cidade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

³² PATTO, M. H. S. **A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia**. 4. ed. revista e aumentada. São Paulo: Intermeios, 2015.

Uma família branca e racista que defenda como uma convicção moral a superioridade dos brancos sobre negros e índios deve poder ditar os rumos das discussões dentro de uma sala de aula de uma escola pública, por exemplo? O professor que se contrapuser a isso poderá ser denunciado por um racista e ser incriminado? Não poderá trabalhar o problema da escravidão no Brasil ou terá que fazê-lo de forma “neutra”, ou seja, não fazendo menção a nenhuma dívida histórica do Brasil para com os negros?

As mesmas perguntas poderiam ser formuladas acerca de todo tema que abarca as minorias que lutam por direitos civis, como os incluídos no movimento LGBT, por exemplo. Dessa forma, como a sociedade brasileira ainda é conservadora, seria a heteronormatividade branca que ditaria os temas da sala de aula. Isso mostra o quanto o movimento Escola Sem Partido é partidário do conservadorismo político e social, partidário da velha direita brasileira.

Os conflitos entre os valores familiares, privados, e os valores discutidos na escola, na esfera pública, poderiam ser acolhidos de forma a suscitar o diálogo e a troca de experiências: a família poderia ser sistematicamente acolhida na escola, levando até ela seus descontentamentos e nela discutido os rumos da educação dos filhos, articulado às necessidades da própria comunidade, de maneira democrática, sendo isso um exercício de fortalecimento da própria democracia. Os pais participariam da vida escolar de seus filhos; seus filhos entenderiam que a formação tem importância na própria vida familiar e na comunidade; os professores se sentiriam apoiados e trabalhariam encorajados a partir do sentimento de que fazem parte de uma coletividade. Em vez disso, todavia, temos a judicialização da educação, o incentivo de que pais e alunos se tornem fiscais da censura e guardiões do atraso em um país em que a injustiça social e as diversas formas de preconceito estão em seus fundamentos. A comunidade se degrada em indivíduos isolados diante da TV ou em grupos que têm seus pontos de encontro nas igrejas, nos bares e no tráfico de drogas. A escola segue sendo uma ilha, maltratada pela própria comunidade, que não a vê como importante para seu próprio futuro; os pais, longe de serem parceiros dos professores no projeto de formação de seus filhos, passam a ser cada vez mais seus oponentes; os estudantes não veem sentido no ensino técnico, isolado da realidade irracional e direcionado ao mundo do trabalho e, como maneira de resistir a essa desrazão, deixam de prestar a atenção. Mas sendo a adaptação nesta sociedade incompatível com liberdade, entra em cena a razão

medicalizante, que impõe à criança uma outra forma desumana de estar presente na escola.

LACUNAS NA FORMAÇÃO

O aluno que o movimento Escola Sem Partido pressupõe é o aluno passivo, facilmente influenciável. A concepção do aluno passivo já há tempos é ultrapassada para as ciências implicadas na educação.³³ Supostamente, ele seria influenciado pelo professor, que, empunhando martelo e foice, transformaria seu pupilo em um soldado vermelho sem qualquer resistência. Porém, de fato o que se tem são crianças e jovens com falta de atenção e medicalizados.

Felizmente, isso não significa que estejam passivos em relação a tudo que ocorre em suas vidas, inclusive no campo político. Com a proposta de reforma do ensino médio, apresentada em 2016 e conhecida como Novo Ensino Médio, muitos alunos passaram a ocupar suas escolas como maneira de se posicionarem contrários a tal medida. E não se pode falar que são uns poucos alunos a fazer ocupações, pois são muitos, nem tampouco seria justo atribuir esse manifesto à influência de professores ardilosos.³⁴

As mudanças que são necessárias e urgentes na educação devem, ao contrário das que estão sendo propostas, promover um ambiente cultural em que o conhecimento faça sentido, seja experiência de pensamento, e se articule necessariamente à realidade e à sua transformação.

Se o professor tem interesse em dar ênfase a alguns personagens da história e não a outros, talvez restem lacunas na formação dos estudantes. Porém, mesmo que o professor queira trazer o máximo de pluralidade em torno dos temas apontados, sempre haverá lacunas, mas que podem ser preenchidas mais tarde, à medida que o aluno revisitar a questão. Mas ele apenas o fará se houver um contato afetivo com o tema em

³³ Basta lembrar a relação analisada por Paulo Freire entre educação “bancária”, professor autoritário e aluno passivo. Quanto mais a educação for reduzida a seu elemento meramente informativo, conduzida por um professor autoritário que não suscita o debate, portanto, a uma educação desinteressante, mais o aluno se converte em um sujeito passivo, um receptáculo de instruções. Cf FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

³⁴ ROSSI, M. PEC 241: Com quase 1.000 escolas ocupadas no país, ato de estudantes chega a SP. **El País**, Brasil, 25 out. 2016. Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil/2016/10/24/politica/1477327658_698523.html>. Acesso em: 20 maio 2017.

sala de aula, seja qual for a direção política da interpretação dada ao tema. Há pessoas que tomaram posicionamento conservador diante de um tema, mais tarde, depois de examinar vários argumentos sobre o assunto, justamente porque foi levado a discordar da defesa progressista calorosa do professor, ao apresentar a questão. Tal professor, em postura não burocrática diante do saber, conseguiu despertar interesse do aluno diante do tema. Mesmo que o aluno passe a discordar do professor, este o fez pensar.

Adorno lembra, em *Educação: para quê?*, que a formação também se dá de forma involuntária em um ambiente que possa fomentá-la. Quando os elementos da cultura penetram no espírito e se articulam com as demais experiências do eu, este é enriquecido e transformado; assim, em algum momento podem ser evocados, por serem elementos pré-conscientes ou mesmo inconscientes, mas passíveis de resgate. Aliás, Adorno diz duvidar da profundidade da experiência resultante de um processo todo ordenado³⁵. Isso mostra que a formação não depende apenas do processo escolar, por isso não se trata de uma questão meramente pedagógica.

As lacunas da formação podem ser vencidas se pôde haver lugar para alguma experiência cultural, no sentido da apropriação subjetiva da cultura. Adorno, em *Minima moralia*, lembra que o conhecimento se forma pelas experiências da vida e, como a vida, é formado por uma série de entrelaçamentos e de maneira alguma é linear e transparente:

[...] o conhecimento se dá numa rede onde se entrelaçam pré-juízos, intuições, inerções, autocorreções, antecipações e exageros, em poucas palavras, na experiência, que é densa, fundada, mas de modo algum transparente em todos os seus pontos.³⁶

O Escola Sem Partido toma a educação sucateada de hoje, em que os conteúdos a serem aprendidos são tratados de forma desinteressada e superficial, e em vez de propor maneiras para que o estudante possa se interessar efetivamente pela sua própria formação, intenta empobrecer ainda mais sua presença na escola, tornando-a burocrática e estabelecendo uma inversão da relação necessária para o saber: com a anexação da lista de “deveres do professor”, prevista pelo Escola Sem Partido, ao invés de o professor ser visto pelo estudante como alguém que tem algo a transmitir, já que

³⁵ ADORNO, T. W. Educação: para quê? In: _____. **Educação e emancipação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 147.

³⁶ ADORNO, T. W. **Minima moralia**: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática, 1993. p. 69.

dedicou sua vida ao estudo de sua disciplina, e o estudante se ver como alguém que tem algo a aprender, embora traga à escola também suas experiências para serem discutidas, o estudante passa ser um fiscal e o professor, aquele que precisa andar na linha, “fazendo apenas seu trabalho”, que passa a ser a transmissão de informações.

Tal modelo de educação despreza profundamente a dinâmica do pensamento e da experiência formativa e acaba por destruí-la. O Escola Sem Partido pretende aquilo de cuja profundidade Adorno duvida: um processo todo ordenado. A partir da mera transmissão de informações o pensamento se torna ocioso, enfadonho, despreza as lembranças, já que pouco fica marcado na memória, e não tem a chance de se transformar em ensinamento:

[...] todo pensamento que não é ocioso traz a marca da impossibilidade de sua legitimação plena, assim como sonhamos em nossos sonhos que há aulas de matemática perdidas por uma manhã feliz passada na cama e que nunca mais serão recuperadas. O pensamento aguarda que, um dia, a lembrança do que foi perdido venha despertá-lo e o transforme em ensinamento.³⁷

FORMAÇÃO PARA O TRABALHO E FORMAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA

O sistema econômico atual tem se afirmado como sinônimo de crise econômica estrutural. Sem a onipresença da indústria cultural procurando convencer a todos a consumir — não por necessidade individual, mas pela necessidade da manutenção de uma sociedade irracional — tal sistema não tardaria a se autodestruir.

Apesar disso, muitos países já percebem que não há horizontes de expansão para suas economias, pois já produzem todo o necessário para a vida de seus cidadãos e tem se tornado difícil convencê-los a comprar bens supérfluos, com salários advindos de empregos cada vez mais instáveis.

Horkheimer e Adorno, em meados do século XX, já diziam que as condições materiais para a efetivação da igualdade e da justiça tinham sido conquistadas. Entretanto, grupos econômicos que persistiam no poder, para manter seus interesses e privilégios, mantinham inalteradas as bases de um sistema social anacrônico, o que obrigava os indivíduos a agirem contrariamente aos seus próprios interesses, mas sem consciência plena disso ou sem consciência dos elementos totalitários e fascistas que os obrigavam a abrir mão da liberdade quando ela já seria possível:

³⁷ ADORNO, T. W. **Mínima moralia**: reflexões a partir da vida danificada. São Paulo: Ática, 1993. p. 70.

Nas condições atuais, os próprios bens da fortuna convertem-se em elementos do infortúnio. Enquanto no período passado a massa desses bens, na falta de um sujeito social, resultava na chamada superprodução, em meio às crises da economia interna, hoje ela produz, com a entronização dos grupos que detêm o poder no lugar desse sujeito social, a ameaça internacional do fascismo: o progresso converte-se em regressão.³⁸

Mesmo com o poderio da indústria cultural sobre a consciência das massas, tem sido difícil assegurar que não sejam compreendidas, por todos, as possibilidades de liberdade. O projeto Escola Sem Partido conquistou a simpatia de políticos, representantes dos donos do poder, que financiam suas campanhas eleitorais e têm interesse na deformação das consciências para não se tornarem evidentes as condições já dadas da emancipação. A escolarização burocrática e “bancária” que almejam serve a um sistema já ultrapassado, mas que é mantido pela repressão fascista.

Diante da análise do mundo do trabalho é fácil perceber o quanto as contradições já descritas pelos frankfurtianos apenas têm se acirrado. A educação que enfatiza o trabalho está obsoleta e se torna desastrosa, por não dar condições de pensar sobre as mudanças necessárias na estrutura social para evitar a exclusão de grande parte da humanidade. Ricardo Antunes expõe o caráter desumano da atual situação do trabalho pelo mundo e mostra que a forma de sociabilidade que ele gera já se transforma em uma nova barbárie:

E quanto mais se avança na competitividade inter-capitalista, quanto mais se desenvolve a tecnologia concorrencial, maior é a desmontagem de inúmeros parques industriais que não conseguem acompanhar sua velocidade intensa. Da Rússia à Argentina, da Inglaterra ao México, da Itália a Portugal, passando pelo Brasil, os exemplos são crescentes e acarretam repercussões profundas no enorme contingente de força humana de trabalho presente nestes países. O que dizer de uma forma de sociabilidade que desemprega ou precariza mais de 1 bilhão e 200 milhões de pessoas, algo em torno de um terço da força humana mundial que trabalha, conforme dados recentes da OIT?³⁹

Antunes descreve algumas tendências que visam conter a crise estrutural do capital e podem ser reunidas em dois grupos:

³⁸ HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 15.

³⁹ ANTUNES, R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.) **A cidadania negada**: políticas de exclusão na educação e no trabalho. São Paulo: Cortez, 2001. p. 35-48. p. 36.

1) o padrão produtivo taylorista e fordista vem sendo crescentemente substituído ou alterado pelas formas produtivas flexibilizadas e desregulamentadas, das quais a chamada acumulação flexível e o modelo japonês ou toyotismo são exemplos; 2) o modelo de regulação social-democrático, que deu sustentação ao chamado estado de bem-estar social, em vários países centrais, vem também sendo solapado pela (des)regulação neoliberal, privatizante e anti-social.⁴⁰

Essa análise já tem quase duas décadas. No Brasil as “formas produtivas flexibilizadas” são impostas agora, por meio de golpes políticos coordenados pelos grupos econômicos poderosos. Na primeira década deste século e no início da segunda, foi possível evitar uma rápida precarização do trabalho devido à inclusão de milhões de pessoas no consumo. O Brasil ainda tinha para onde se expandir economicamente, expansão que foi liderada pela indústria automobilística, que encheu as pequenas e grandes cidades de carros, em detrimento do lento investimento do Estado em transporte público de qualidade, acarretando sérios problemas de mobilidade urbana.

Não por acaso as reformas na educação também são impostas agora, sem nenhum debate com a sociedade e com os educadores. Seria ilusão pensar que os monopólios econômicos não coordenam a esfera da educação. Para o novo modelo “flexibilizado” de produção — que inclui a liberação da terceirização, fim de direitos trabalhistas básicos e reforma controversa da previdência social — tem-se o novo modelo de educação: Base Nacional Comum Curricular, para formar trabalhadores de maneira uniforme; reforma do ensino médio, para formar apenas trabalhadores; e, claro, Escola Sem Partido, para formar trabalhadores dóceis e conformados.

O modelo tradicional de educação, que vem sendo sistematicamente sucateado pelo desinteresse político e econômico, tem sido agora piorado pelas reformas em curso, acentuando seus aspectos regressivos. Se ela se baseia na formação para o mercado de trabalho, necessariamente tem como meta o preparo para a competição entre as pessoas, já que existe uma tendência de redução e precarização das oportunidades de atividade remunerada. Quanto mais o sistema econômico se “flexibiliza” para conter suas próprias crises (e flexibilizar nesse contexto significa sempre mudar para pior, no que tange ao trabalhador), mais cada indivíduo é levado a competir de forma acirrada com outro

⁴⁰ ANTUNES, R. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, P.; FRIGOTTO, G. (Orgs.) **A cidadania negada**: políticas de exclusão na educação e no trabalho. São Paulo: Cortez, 2001. p. 35-48. p. 37.

indivíduo, vendo no outro um inimigo em uma disputa, fazendo permanecer a violência que sempre esteve presente na civilização desde sua origem.

Adorno, em *Educação após Auschwitz*, argumenta acerca da necessidade de opor-se a essa lógica e sugere, além de se fomentar um clima cultural para fazer face à violência, que seja dada ênfase à educação na primeira infância, pois é nesse momento que se formam as bases da subjetividade. Se na infância for propiciada a identificação com o diferente, inclusive com o mais frágil, o sujeito poderá entrar em contato com a fragilidade em si mesmo, ao invés de negá-la e atacá-la no outro. Dessa forma, para Adorno a educação não apenas não pode ser neutra, mas sim necessita ser uma “educação política” e se “transformar em sociologia” para poder fazer a denúncia da realidade irracional, oculta por trás das formas políticas. Tal proposta, de um dos mais importantes filósofos do século XX, que viveu e pensou os horrores do nazismo, certamente soariam como “doutrinadoras” para os defensores do Escola Sem Partido:

[...] o centro de toda educação política deveria ser que Auschwitz não se repita. Isto só será possível na medida em que ela se ocupe da mais importante das questões sem receio de contrariar quaisquer potências. Para isto teria de se transformar em sociologia, informando acerca do jogo de forças localizado por trás da superfície das formas políticas.⁴¹

Educação para a convivência e não para a competição é no que deveria se converter a educação, principalmente em um país como o Brasil, ainda bastante marcado por graves injustiças sociais advindas de sua longa história de colônia, à periferia do capitalismo.

Desde o final do século XX tem surgido como possibilidade de educação voltada para a diversidade a proposta de educação inclusiva. Apesar de ser importante avanço em face da lógica de exclusão que traveja essa sociedade, ela está ainda em germe, diante de uma série de dificuldades para se consolidar — o que deve suscitar não o desânimo, mas sim a luta pela sua concretização. A educação inclusiva traz em seu bojo a possibilidade da identificação, capacidade humana de, em relação com outro, transformar-se nessa relação — em outras palavras, viver experiências:

No ideal de perfeição, de comando, de eficiência, o indivíduo “civilizado” nega os limites da natureza, presentes nos homens. Dessa forma, a eliminação do mais fraco é mais uma vez a negação da própria fragilidade. Se no lugar dessa negação, houvesse a identificação, o reconhecimento da violência — que se faz a si mesmo e

⁴¹ ADORNO, T. W. *Educação após Auschwitz*. In: _____. **Educação e Emancipação**. 2 ed. RJ: Paz e Terra, 2000, p.137.

ao outro – a relação de dominação poderia ser evitada. Nesse sentido, a contraposição entre as classes escolares homogêneas, formadas, sobretudo, nas escolas propedêuticas ao vestibular para aumentar sua eficiência, e as que contemplem a diversidade, proposta pela educação inclusiva, evidencia a contraposição entre a formação do “guerreiro” e a formação para a convivência, para a paz.⁴²

A educação inclusiva não visa apenas à inclusão de pessoas com deficiência, mas sim ao respeito às individualidades, a fim de que os limites individuais sejam rompidos e de que haja desenvolvimento das potencialidades, respeitando o ritmo de cada estudante. Para a efetivação de uma proposta como essa, que almeja não a eliminação do mais fraco, mas a convivência e a paz, é preciso discutir na escola as barreiras sociais que a obstam, o que inclui o questionamento dos valores tradicionais, que o Escola Sem Partido deseja preservar.

Os elementos que foram destacados ao longo deste texto em seu conjunto sinalizam o quanto o projeto Escola Sem Partido não se relaciona a uma educação para a emancipação. Ele visa, antes, a uma educação para o treino, para a técnica, para a competição e para a conservação de valores que reproduzem uma sociedade desumana. Há, por meio de propostas como essa, uma ênfase no aspecto adaptativo da escola, que se equipara com apostilas e uma conclamação a uma noção malbaratada de didática, que só podem levar a uma cega conformação à realidade.⁴³ Não há nela, da alfabetização à universidade, espaços para a fantasia, para as ideias que mereçam esse nome, e para pensar em uma outra sociedade — o que seria, aliás, taxado de dogmatismo pelo Escola Sem Partido. Os professores deveriam receber, além do respeito social pela sua profissão, condições materiais dignas para sua própria formação, a fim de poderem formar melhor seus alunos para que estes possam dispensar os reais tutores da minoridade, os verdadeiros doutrinadores: grupos econômicos, políticos e religiosos que propagam a ideia dogmática de que a realidade é imutável e adequada, bastando apenas ajustar-se a ela sem questionamentos.

RECEBIDO EM: 01/06/2017

PARECER DADO EM: 13/06/2017

⁴² CROCHÍK, J. L.; CROCHÍK, N. Teoria crítica e educação inclusiva. **InterMeio**: revista do Programa de Pós-Graduação em Educação, Campo Grande, MS, v. 14, n. 28, p. 122-137, jul./dez. 2008. p. 128.

⁴³ Uma reflexão sobre o papel e a relevância da didática para uma educação emancipatória e sobre como ela deve ser cuidadosamente elaborada encontra-se em CANDAU, V. M. Da didática fundamental ao fundamental da didática. In: ANDRÉ, M. E. D. A.; OLIVEIRA, M. R. N. S. (Orgs.) **Alternativas no ensino de didática**. Campinas, SP: Papirus, 1997. p. 71-95.